

- POLONOROESTE -

CEDI - P. I. B.
DATA 13 / 07 / 87
COD. QND. 38

fundação instituto de pesquisas econômicas

AVALIAÇÃO ÁREA INDÍGENA TUBARÃO/LATUNDE

MARIA CRISTINA N. TORRES

SÃO PAULO
OUTUBRO - 1986

ofício

AVALIAÇÃO ÁREA INDÍGENA

TUBARÃO / LATUNDE

Maria Cristina Torres

Outubro / 86

As observações aqui apresentadas são resultado de visita realizada nos dias 4, 5, 6 e 7 de junho de 1986 à área indígena Tubarão Latunde, P.I. Tubarão e Al. Latunde.

A planta de demarcação da área (anexa) datada de 08.07.85 indica uma área de 116.613,3671 ha e perímetro de 177.380,98 m no município de Vilhena, Rondônia.

A área é habitada por índios Aikana, chamados também de Tubarão pela sociedade envolvente.

Conhecidos por diversos nomes, os Aikana são por vezes associados aos nomes Maba, Puxaca e Guajeju que ajudaram a expedição de João Leme do Prado em 1769 (Castelnau 1851) e ao termo Malotundu usado por Rondon. Snethlage (1937) usa a designação Masaká, que parece ser um nome próprio, pessoal e não de grupo.(1) Becker-Donner (1955) descobre a auto-denominação tribal Aikana que agora usamos.

Agregados aos Aikana, existem alguns indígenas Terena, um Xerente, e Arara. Estes últimos são vizinhos tradicionais que moravam no rio Pimenta Bueno, entre cascata e Vila Pimenta Bueno.

Na mesma área existem ainda dois sub-grupos Nambiquara, os Sabane e os Latunde.

A população, segundo dados de levantamento populacional da 15ª Dr. 12/85, está assim distribuída:

1. Relatório D.Price - 15 de agosto de 1977 - "Os Aikana".



ALDEIA	GRUPO	TOTAL
Al. Rio D'Ouro	Aikana 43	45
	Sabane 1	
	Xerente 1	
Al. Bela Vista	Aikana 11	16
	Arara 5	
Al. Gleba	Aikana 14	16
	Terena 2	
Seringal Água Preta	Aikana 4	4
Al. Latunde	Aikana 13	29
	Sabane 5	
	Latunde 10	
Al. Veado Preto	Sabane 13	14
	Mamainde 1	
		<hr/> 124



A situação encontrada na área é bastante complexa. Um breve relato do histórico do grupo feito pelo líder Manoel Aikana, lembra a depopulação ocorrida nos primeiros contatos e anos passados quando os indígenas Aikana trabalhavam em seringais para os "civilizados".

A extração da borracha tem sido a principal atividade do grupo desde então. Única fonte de renda que possibilita a compra de artigos diversos, inclusive vestuário e alimentação, atualmente tidos como indispensáveis pelo grupo.

ORGANIZAÇÃO

A organização política do grupo centralizada na pessoa de Manoel Aikana e Luís Aikana é indissociável da estrutura ligada à atividade de extração de borracha, de sua comercialização e da compra de mercadorias, que envolvem elementos não índios e ocorre sem a fiscalização da Funai. Um levantamento de 15ª DR referente a A. I. Tubarão 1985 aponta somente a produção de Al. Veado Preto, indicando em uma nota que:

"Os Tubarão negociam muita borracha em Pimenta Bueno tornando difícil ou quase impossível o controle de produção efetuado por essa 15ª DR." (Ver Anexo III)

A relação direta com elementos da sociedade envolvente não é nova. Por volta de 1979 o então funcionário da Funai Jorge de Falca que trabalhava junto aos Aikana há 2 anos, foi demitido da Funai e imediatamente contratado pelo grupo como "contador". Segundo o "líder" Manoel, Falca era muito bom e os ajudou a organizar a atividade nos moldes dos seringais existentes na região.

Foi possivelmente por intermédio de Falca que Manoel entrou em acordo com o civilizado Nenê, que sediado em Pimenta Bueno é o responsável pela compra da borracha no P.I. e pelo transporte das mercadorias compradas em P. Bueno. Manoel Aikana afirma conhecer Nenê há 10 anos e sempre ter contado com o seu auxílio nas épocas difíceis, "mesmo na chuva ele vem ao P.I. e adianta mercadorias".

J. Falca trabalhou nos Nambiquara do Norte e participou dos conta

tos iniciais com os Latunde, em 1977, ocasião em que se transferiu para a aldeia Aikana com a tarefa de atender aos Latunde; em várias ocasiões foi severamente criticado pelo antropólogo D.Price(1)

Tivemos a oportunidade de conhecer Nenê e presenciar tanto a compra da borracha como a entrega de mercadorias que se realizou na aldeia onde moram Manoel e Luis Aikana, e para onde foi transferido o Posto da Funai e a enfermaria.

Segundo Manoel, há mais de um ano o grupo desmanchou a antiga casa do posto transferindo-a para sua aldeia onde também foi construída a escola. O motivo alegado foi a deterioração da estrada e da ponte sobre o Rio Chupingua que davam acesso ao P.I.

As mercadorias a serem distribuídas são guardadas na casa de Luis, próximo a um galpão onde é estocada a borracha.

No caso dos seringueiros do Rio d'Ouro, a borracha é estocada na residência de Getulio (ex. sede da Fazenda São Caetano), irmão de Manoel e depois transportada para o P.I.

PRODUÇÃO E SERINGUEIROS

No mês de maio foram extraídos 2.800 kg de Borracha que pesadas nos seringais valiam Cz\$11,50/kg e eram vendidas a Nenê a Cz\$13,00/kg. Segundo Nenê a borracha em Pimenta Bueno estava sendo cotada a Cz\$15,00 e em Vilhena Cz\$16,00. No mesmo dia, à tarde, fomos avisados pelo rádio da Funai que o preço subira para Cz\$.. 17,00/kg.

Esboçamos um mapa sob a orientação de Manoel e Luis Aikana onde foram assinalados 15 seringueiros Aikana e 4 seringueiros "civilizados".

Obtivemos os nomes dos "civilizados": Amazonense (com família), Benjamim, e Manoel João (com família) que trabalham para Manoel. Souza (com família) que trabalha para Luis.

O número de não índios na área deve ser bem maior, o dobro, segundo nos informou o índio xerente.

Perguntado a respeito do porque da permanência de seringueiros brancos na área indígena, respondeu: "o branco dá mais renda, trabalha direito, o índio não, tira um pouco e para".

(1) Contato com os Latunde - 15 de Agosto de 1977. D.Price



O próprio Luis Aikana indicou um número maior quando calculava os gastos na compra de mercadoria:

"Gasto de Cz\$20.000,00 a 30.000,00 por mês. Os seringueiros pedem roupas, calçados, alimentos e munição. São muitos por aqui, uns 105 índios, com os brancos uns 150".

No tocante às compras, não existem notas fiscais. Luis esclarece:

"São assinadas notas promissórias pelo Nenê e nós pagamos depois de 30 dias".

O comerciante Nenê afirmou não ganhar dinheiro sobre as mercadorias que transporta, que notamos ser de qualidade aceitável.

Também Manoel e Luis afirmam que os seringueiros recebem a mercadoria sem nenhum acréscimo. Nas palavras de Manoel: - apenas para os civilizados o preço da mercadoria é um pouquinho maior -.

No entanto, o próprio Manoel reconhece a existência de insatisfação quanto à atual organização entre os indígenas do Rio d'Ouro.

A explicação de Luis para este fato que já é do conhecimento da Funai, é a seguinte: - "os homens ali tiram pouca borracha e ficam devendo a mercadoria que já consumiram".

TRANSPORTE

O acesso de veículos dentro da reserva está restrito a 2 pontos.

1 - Imediações da antiga casa da Faz. São Caetano, lote 1, onde reside Getúlio Aikana.

2 - Aldeia de Manoel e Luis:

1. Enfermaria: a enfermaria está montada em um dos cômodos da casa sede do P.I. onde também está instalado o rádio. Atualmente esta construção de madeira está sendo usada como residência do professor.

2. Escola: na escola Rural Capital Ari Timon construída em 1983 é ministrado o ensino regular baseado no projeto Pró-rural supervisionado pela Secretaria de Educação de Vilhena. A construção do prédio e a contratação do



professor foram realizados pela então AJAVAG, o material escolar, merenda e orientação educacional, encontrase a cargo da Secretaria Municipal de Educação de Vilhena.

3. Igreja:

4. Local do P.I.: existia uma estrada que ligava o atual P.I. ao antigo 8 Km, e seguia cerca de 27 Km até o local chamado "fazenda". Atualmente a estrada é intransitável e 4 pontes estão destruídas.

Dada a dispersão imposta pela extração da borracha e a inexistência de estradas internas, todo o transporte de mercadoria e borracha é realizado por uma tropa de burros sediada na Al.de Manoel.

A tropa é formada por 8 burros da Funai e 4 de Manoel e Luís. Alguns rapazes são tropeiros, entre eles o sobrinho de Manoel, Miguel, e o índio Terena Isaias que recebe Cz\$ 800 por mês de Luís.

OS TERENA

Se tomarmos por base o levantamento populacional da 15ª DR de 12/85, encontraremos 2 índios Terena, Cisto e Ruth que moravam próximos a Manoel. Não sabemos por quanto tempo o Pastor Cisto da União residiu na área; por ocasião da nossa visita ele já havia partido. Em seu lugar encontramos o missionário Isaias, no momento responsável pelos 3 cultos semanais realizados em uma pequena igreja de madeira.

Observei a reunião de muitos jovens para o culto de 4ª feira à noite, apresentavam-se cuidadosamente banhados, penteados e vestidos, pouco diferindo de jovens da cidade. Cantaram por algumas horas, acompanhados de violão, canções de língua portuguesa com temas religiosos.

A pequena igreja de madeira em breve será substituída por uma outra maior cuja base já se acha concluída, o cimento necessário a construção foi comprado e está guardado na casa de Manoel.

É difícil avaliar o resultado da ação missionária no comporta

mento indígena e cultura Aikana em tão curta visita.

No entanto, o pretígio dos representantes religiosos e sua inserção na atual estrutura econômica e política dos Aikana, pode ser medido indiretamente considerando-se dois casamentos:

- O de Manoel "líder" Aikana com Kelly, filha dos Pastor Cisto e Ruth.
- Teresa, filha de Getúlio e sobrinha de Manoel que se casou com o missionário e tropeiro Isaías.

Também é terena e pertencente à mesma igreja, o enfermeiro Abel que gentilmente nos guiou até a Al. Latunde e depois até a localidade chamada "fazenda". Foram 12 horas montando burros de tropa nos 2 dias de viagem, que não teria sido possível sem ele. A propósito, Abel nem sempre encontra burros disponíveis para o exercício de sua função e comenta:

"Seria bom se a Funai destinasse um cavalo ou qualquer outro meio de transporte para uso exclusivo no atendimento de saúde".

O enfermeiro Abel sabe dirigir.

A "FAZENDA"

Distante cerca de 30 Km do P.I., existem pastos formados onde estão 200 cabeças de gado de corte que pertencem a um fazendeiro. Além deste gado, existem 9 cabeças da Funai e alguns cavalos (±3).

Ali moram 2 homens, um "civilizado" pago pelo fazendeiro e um índio Xerente que diz receber de Luis Cz\$ 600,00 mensais para cuidar do gado da Funai.

Segundo Manoel, o acordo de arrendamento foi feito pelo chefe do P.I. e estipulava que o pasto seria usado pelo fazendeiro por 3 e 6 meses em troca de parte dos bezerros nascidos no período. Como o chefe do P.I. estivesse afastado da A.I. Tubarão / Latunde exercendo outra função desde abril, procurei maiores informações a respeito na 15ª DR. Parece que o acôrdio foi feito de maneira informal e o funcionário que me atendeu não possuía dados a respeito, nem mesmo o nome do fazendeiro proprietário do gado foi possível obter.

A organização atual dos Aikana não apresenta diferenças substanciais das descritas em relatório de outubro de 1983. Já nesta época, era apontado o endividamento dos produtores do Rio d'Ouro e as dívidas contraídas por Manoel Aikana em Pimenta Bueno.

Idênticas foram as informações obtidas em junho.86 que indicavam gastos abusivos de Manoel, dívidas não saldadas e suspeita de obtenção de vantagens indevidas.

Do relatório já citado a respeito da situação da A.I. Tubarão-1983, consta um acôrdo entre a Funai, o chefe do P.I. e os "líderes" Manoel e Luis cujo item principal propunha que o órgão tutor ficasse responsável pelo transporte e venda da borracha produzida na área. Indiscutível seria o ganho para os indígenas com um todo.

Infelizmente, tal acordo não foi cumprido por muito tempo, visto não possuir a DR dados a respeito da produção de borracha na A. I. Tubarão no ano de 1985.

O que temos por um lado é que os líderes Manoel e Luis afirmam sua intenção de romper com a Funai. No entender destes líderes, a assistência é deficiente se comparada as outras áreas indígenas.

O principal motivo de descontentamento é a ausência de veículos na área. Sabemos que no relatório do Polonoroeste, exercício 1986, (executado) constam 2 viaturas no P.I. Tubarão / Latunde assim discriminadas no ítem equipamentos: reforma de Toyota; aquisição de Toyota. De fato, uma Toyota em julho.86 estava em reparos na 15ª DR, e a segunda não se encontrava na área. (Veja Anexo IV)

As outras reivindicações mencionadas foram: a recuperação da estrada interna até a "fazenda"; das 4 pontes (que já constavam no citado relatório do Polonoroeste, exercício 86) e da estrada de acesso ao P.I. bastante danificada pelas chuvas, assim como a construção de enfermaria e das 2 casas de farinha prometidas.

Por outro lado, embora os motivos alegados sejam reais, uma visão global da área confirma a informação de que o próprio Manoel e Luis dificultam os trabalhos da Funai na área.

É visível que os líderes Manoel e Luis, que não exercem qualquer atividade diretamente ligada à produção, retiram o seu sustento da organização atualmente em vigor. A julgar pela residência de Manoel, toda mobiliada inclusive com geladeira a gaz, ele possui um padrão

de vida melhor do que os outros indígenas Aikana. O mesmo se aplica em menor grau a seus parentes Luis e Getulio Aikana.

Seria pois de estranhar que Manoel apoiasse de fato a atuação da Funai e o acôrdo de 83 que restringia seu poder e controle sobre a comunidade.

Ameaças à sobrevivência dos grupos da área Tubarão/Latunde.

O artigo "Rondônia: a Farsa das Reservas", publicado pela revista Ciência - Hoje, da S.B.P.C. vol. 3, nº 17, apresenta um mapa do Estado de Rondônia indicando a construção de estradas dentro de Reservas indígenas, Biológicas e Parques Nacionais. (Ver anexo)

Nela encontramos o traçado da planejada estrada RO 391, que cortaria a Reserva Tubarão/Latunde. (Veja Anexo I)

De maneira alguma é recomendável que uma estrada penetre na área.

Outra ameaça à sobrevivência dos grupos em questão, é a planejada construção da hidrelétrica Avila, cujo lago atingiria terras indígenas. Não existe nenhum estudo a respeito da construção da Hidrelétrica e seu impacto sobre a A.I. Tubarão/Latunde.

A sociedade Aikana está sendo desestruturada pela adoção de um modelo de extração e comercialização da borracha, incompatível com as relações tradicionais que ligam os diferentes membros de sua sociedade. Incentivado por comerciantes brancos, tal modelo não resultou de fato de uma opção, já que aos Aikanas não foram oferecidas alternativas adequadas.

Cabe a Funai auxiliar os indígenas a encontrar formas que permitam a continuidade da atividade, sem que dela resultem relações de exploração e dominação política, assim como alternativas econômicas que diminuam a atual dependência de artigos industrializados.



AL. LATUNDE

Entre junho/julho de 1977 foi localizada uma pequena aldeia a oeste de Vilhena, no alto do Rio Capivara. Nos primeiros contatos descobriu-se tratar de um sub-grupo Nambiquara do Norte, cujo dia leto assemelhava-se ao Mamainde, que é conhecido atualmente pelo nome Latunde. Quando do contato, a aldeia era formada por 10 ho mens e 8 mulheres, e 6 meses depois por 16 indígenas.

Na época os Aikana / Tubarão já encontravam-se nas proximida des, o que parece ter gerado algumas confusões a respeito do grupo em questão.

"Deve-se atentar também que o nome Massacalhes é impróprio e inadequado uma vez que este nome designa os índios chamados Aikana /Tubarão que em tempos anteriores foram seus inimigos mortais jun to com os seringueiros". (1)

O grupo Latunde detém uma cultura totalmente distinta dos Aikana, embora estejam abrigados na mesma A. Indígena e sejam assisti dos pelo P.I. Tubarão, e o histórico do grupo determina outras tan tas diferenças.

Os Latunde de contato recente, guardam muito de seu modo de vi da tradicional retirando seu sustento da caça, coleta e agricultu ra de produtos tradicionais Nambiquara. Falam pouco português e possuem uma dependência muito menor de produtos industrializados.

Não podemos dizer que os Latunde olham atualmente seus vizi nhos Aikana como inimigos mortais, mas não existe relacionamento a mistoso entre os grupos, ficando a Al. Latunde isolada, sem no en tanto deixar de sofrer interferência e pressões dos Aikana, numeri camente muito superiores.

Acesso - A Aldeia Latunde dista cêrca de 27 Km do P.I.Tubarão. Pode-se chegar na aldeia a pé ou montando burros, seguindo a estra da antiga da fazenda por cerca de 5 horas e depois poucos Kms an tes de chegar ao lugar chamado "fazenda", tomar um desvio por cer ca de uma hora.

Para nossa visita, Manoel Aikana "cedeu" os burros após ter de sa conselhado nossa ida até a aldeia, alegando as precárias condi ções lá existentes, inclusive falta de alimento e o cansaço dos

(1) Relatório - Encarregado do P.I.Nambiquara Ariovaldo J.Santos
Projeto Nambiquara - Cuiabá, 3/01/78.

animais usados no transporte da borracha.

Já no desvio (trilha) para a Al. Latunde, encontramos a residência do seringueiro Joãozinho Sabane, sua mulher Iracema Aikana e 2 filhos do casal. Mas na Al. Latunde propriamente dita, residem atualmente 12 indígenas apenas.

1- Manoel Torto - (50) - Deslocou-se para a área nos primeiros contatos dos indígenas com a Funai. É algumas vezes citado como membro do sub-grupo Nambiquara Sabane. Em entrevista me disse ter parentes na A.I. Pirineus de Souza, aonde já residiu, do sub-grupo Tawande. É o atual líder do grupo e também o que melhor domina o português. Dedica-se de forma irregular à extração de borracha, que vende a Manoel Aikana.

2- Tereza Latunde (37), esposa de Manoel.

3- Fatima Latunde (20), esposa de Manoel.

4- Luis Latunde (5), filho de Manoel e Tereza.

5- Antoninho Latunde (11/10/84), filho de Manoel e Tereza.

6- José Francisco Latunde (10), órfão.

7- Joãozinho Latunde (16), órfão, irmão de José Francisco.

8- José (32)

9- Lurdes (27), mulher de José.

Este casal, contou ter perdido seu filho de meses durante percurso até o P.I. em busca de auxílio para a criança que estava doente. (Dezembro 1985 - óbito)

10- Cinzeiro Latunde (47)

11- Latunde (25).

No levantamento da Funai encontramos o nome Muda Latunde, esta moça é de fato muda.

12- Batata Latunde (50).

Esta Índia mora sozinha e durante nossa visita permaneceu isolada.

Por ocasião de nossa visita nos dias 5/6 de junho de 1986, encontramos o grupo passando privações e sem munição. Cinzeiro tinha saído para caçar de arco e flecha com o jovem José Francisco e não

retornou à noite, nem na manhã seguinte. O Grupo estava se alimentando apenas de algumas mandiocas pequenas.

Segundo declaração de Manoel Torto, suas roças tinham sido pequenas para alimentar todo o grupo, e as mercadorias provenientes da venda da borracha tinham terminado.

Na aldeia encontramos algumas ferramentas que nas palavras de Manoel foram "dadas por Luis Aikana". Os Latunde estavam também criando umas poucas galinhas.

Os indígenas da Al. Latunde não possuem qualquer animal de transporte que lhes permita um acesso mais rápido ao posto e enfermaria. Também, não frequentam o lugar chamado "fazenda" onde existem cavalos e gado.

É evidente que o grupo Latunde necessita de apoio urgente. Incentivo e auxílio para a formação de roças e criação.

O acesso de veículos a aldeia também é prioritário e poderia ser feito mediante a recuperação da estrada interna até o local chamado "fazenda" e da construção de estrada por mais alguns quilômetros até a Al. Latunde.

Não considero recomendável a instalação de enfermaria dentro da aldeia, com uma população tão reduzida, a presença cotidiana de um elemento estranho a sua cultura, poderia ser mais prejudicial do que benéfica.

Como alternativa, poderia ser implantado uma assistência volante regular. Para os casos de emergência, sugiro o estudo de possibilidade de implantação de um rádio na aldeia e o treinamento de um ou mais indígenas.

Não é possível que um grupo tão reduzido continue sem um apoio regular, e sem condições de obter um rápido auxílio médico. A morte do recém nascido Latunde consta dos dados da 15ª DR:

Joselia Latunde - nascimento 18.12.85.

Filha de José Latunde e Lurdes Latunde, óbito 14.01.86

Causa - Malária.

CONCLUSÃO

Apresentamos aqui algumas providências necessárias ao P.I. Tubarão / Latunde:

- a recuperação da estrada interna até a "fazenda" e a construção de um desvio até a aldeia Latunde;
- a reconstrução das 4 pontes; (*)
- a permanência de uma viatura no P.I., inclusive como opção para o atendimento de saúde; (**)
- um meio de transporte (moto, cavalo, burro) à disposição do enfermeiro para acompanhamento e atendimento dos indígenas nas aldeias e seringais;
- a retirada dos "brancos" da área indígena;
- a verificação de contratos de arrendamento de pasto para fazendeiros, nos termos e conveniência dos mesmos;
- a transferência do P.I. para outro local. No acordo realizado em 1983, os líderes Manoel e Luis tinham aceito a transferência do P.I. para a casa sede da fazenda São Caetano, Lote 1, da Gleba Corumbiara;
- que a Funai se apresente como opção de fato para o transporte e venda de borracha, firmando um acordo não com os líderes, mas com o maior número possível de indígenas;
- um levantamento da situação atual de transporte interno de borracha e de utilização da tropa de burros;
- a organização de eventos ocasionais na escola, destinados exclusivamente a temas indígenas, objetivando a recuperação e valorização da cultura Aikana, atualmente desprestigiada;
- verificação da influência dos missionários na cultura Aikana.

(*) Que já constavam no executado do relatório Polonoroeste 85/86

- Casa do Índio - Obras - Pontes de madeira - P.I. Tubarão
- P.I. Tubarão / Latunde - construção de Pontes

(**) No citado relatório são mencionadas 2 viaturas do P.I., no item equipamentos:

- Reforma Toyota
- Aquisição Toyota

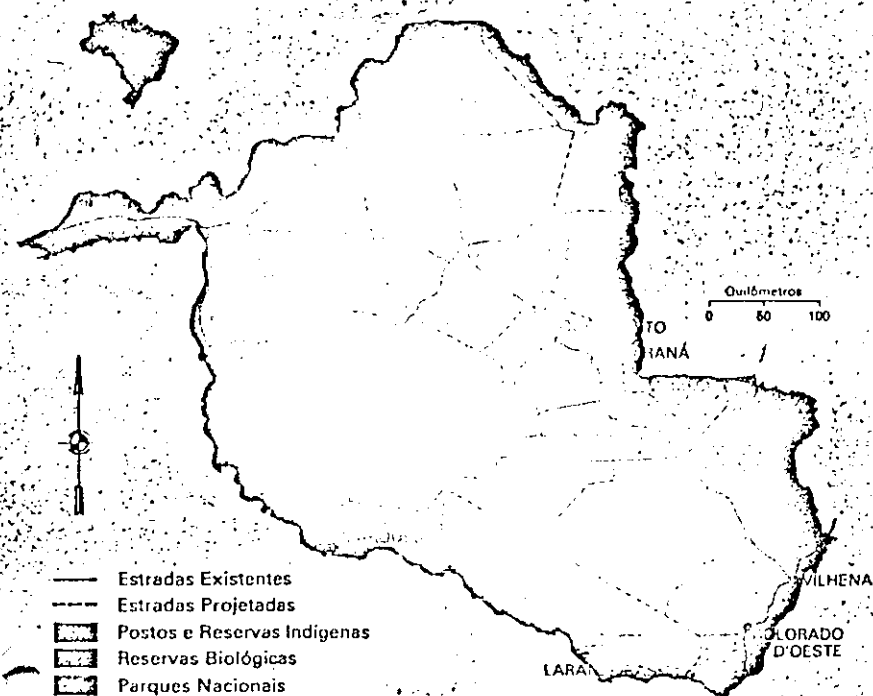
Quanto ao atendimento de saúde, o enfermeiro da área por ocasião da visita achava-se a 3 semanas em Vilhena, devido ausência de transporte para o P.I. Tubarão.

ANEXOS

- I - Revista - Ciência Hoje - Vol. 3 - Nº 17
Artigo "Rondônia: A Farsa das Reservas"
Philip M. Fearnside, Gabriel de Lima Ferreira
- II - Planta de Demarcação da Área Indígena Tubarão/Latunde
- III - Produção de Borracha - Lista Fornecida Pela 15ª DR
- IV - Discriminação dos Veículos. Atualização das condições de uso junho/86.

E BOM SABER

15



- 1 — Reserva Ecológica Cuniã
- 2 — Posto Indígena Karitiana
- 3 — Reserva Biológica Jarú
- 4 — Posto Indígena Karipunas
- 5 — Posto Indígena Ribeirão
- 6 — Posto Indígena Lage
- 7 — Posto Indígena Rio Negro Ocaia
- 8 — Parque Nacional Picaás Novas
- 9 — Posto Indígena Picaás Novas
- 10 — Posto Indígena Rio Guaporé
- 11 — Posto Indígena Rio Branco
- 12 — Reserva Biológica Guaporé
- 13 — Posto Indígena Lourdes
- 14 — Posto Indígena 7 de Setembro
- 15 — Posto Indígena Roosevelt
- 16 — Posto Indígena Aripuanã
- 17 — Posto Indígena Tubarões
- 18 — Posto Indígena Kaxarda

— Estradas Existentes
 - - - Estradas Projetadas
 [] Postos e Reservas Indígenas
 [] Reservas Biológicas
 [] Parques Nacionais

Mapa do Estado de Rondônia, mostrando estradas existentes e projetadas que cortam 2 reservas biológicas e 6 reservas indígenas.

para evitar conflitos de terras. Assim, restaram apenas 600 mil hectares quando foi oficialmente criada, em 20 de setembro de 1982. E hoje sabe-se que a área da reserva é menor ainda do que a indicada no mapa do governo de Rondônia reproduzido aqui.

No entanto, a redução do tamanho da reserva por modificações em seus limites é insignificante, se comparada com as perdas que resultarão da construção das estradas já planejadas. O Departamento de Estradas de Rodagem de Rondônia (DER-RO) e a Companhia de Desenvolvimento Agrícola de Rondônia (Codaron) publicaram dois mapas mostrando três rodovias planejadas que vão cortar a Reserva Biológica de Guaporé: a RO-383, ligando Santa Luzia a Pedras Negras, a RO-377, do rio Guaporé à BR-429, e a RO-370, que vai de Cerejeiras até a BR-429.

Outro caso é o da Reserva Biológica de Jarú, antes denominada reserva florestal, criada em 1961, que tinha originalmente uma área de cerca de um milhão de hectares e tem sofrido vários problemas. A incorporação de parte da reserva ao Projeto de Assentamento Dirigido Burareiro, destinado a promover empresas rurais de lavoura de cacau, acarretou drástica diminuição em sua

área original e a nova denominação de reserva biológica, com uma área oficial de apenas 268.150 hectares em 1979. A reserva nunca teve serviço de proteção, de modo que um número indeterminado de posseiros abre clareiras dentro de seus limites. Além disso, está para sofrer outras perdas com a abertura de uma nova estrada, a RO-357, ligando o município de Ariquemes ao estado de Mato Grosso.

Também as reservas indígenas da região estão sendo cortadas por estradas, algumas já construídas e outras ainda por construir. Incluem os postos indígenas: Rio Branco, cortado pela RO-370; Roosevelt, cortado pela RO-287; Karitiana, cortado pela RO-010; Karipunas, cortado pela RO-370 e pela RO-257; Rio Negro, cortado pela RO-370; e Tubarões, cortado pela RO-391.

Outro tipo de reserva também está protegido pela lei e não é respeitado. São as reservas em propriedades privadas que, segundo o artigo 44 do decreto-lei 4.771 do Código Florestal Brasileiro, deveriam ser deixadas em vegetação natural e corresponder a 50% da área florestada da propriedade, mas que não são respeitadas (ver "A floresta vai acabar?", em *Ciência Hoje* n.º 10).

Alguns colonos de projetos de colonização mais antigos já desmataram completamente seus lotes, sem sofrer qualquer penalidade. Sabe-se que outros, que ainda não derrubaram os 50% protegidos por lei, estão prestes a fazê-lo. Em projetos de colonização mais recentes ou ainda em fase de planejamento, as reservas que ficariam dentro de cada propriedade foram transformadas numa única reserva comum, chamada "reserva em bloco". No caso do Projeto Urupá, iniciado em 1982, aproximadamente 200 posseiros já haviam se estabelecido em sua reserva até 1983.

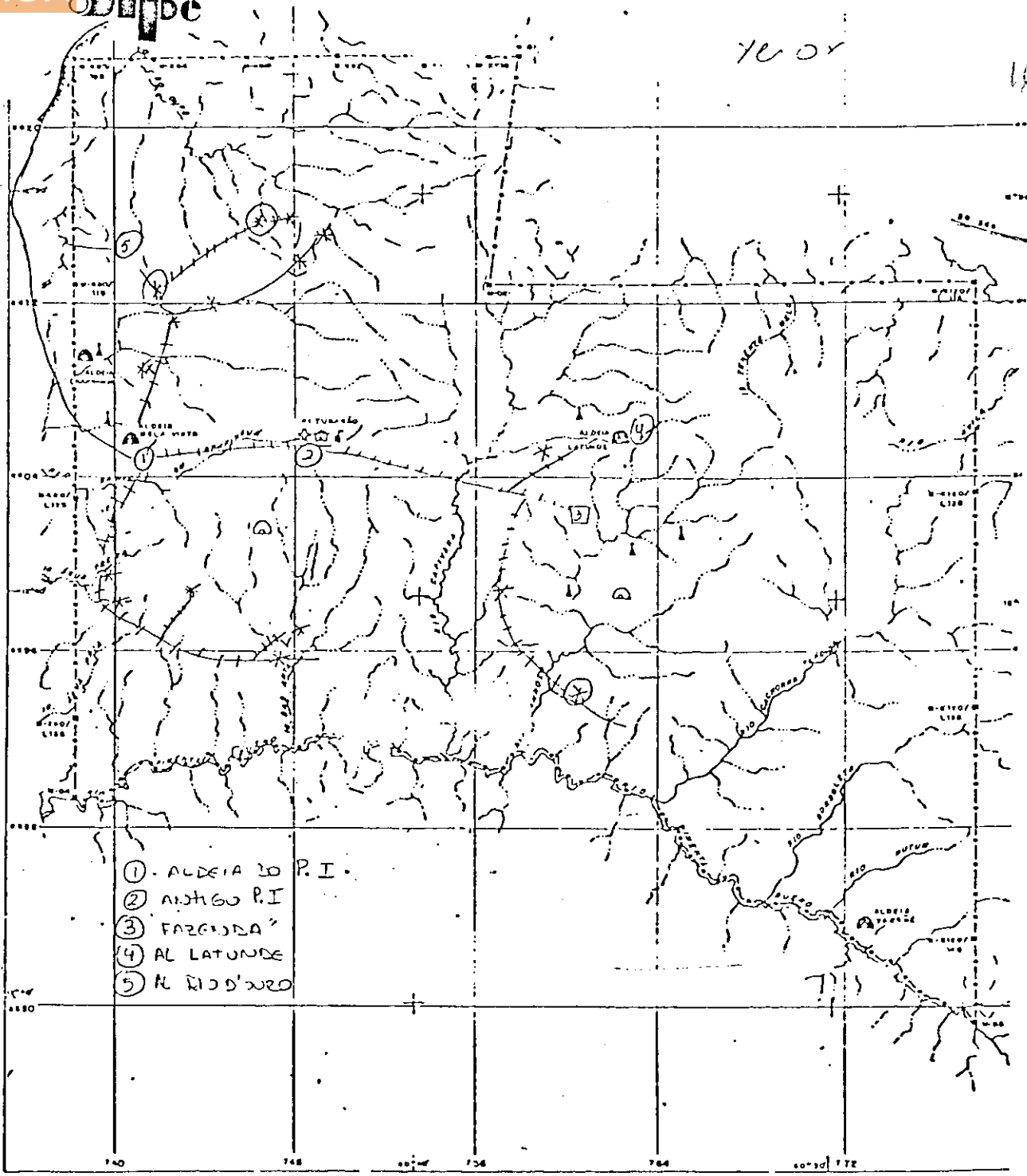
A desculpa para o não cumprimento das leis florestais é, normalmente, que o IBDF tem um orçamento muito limitado e um reduzido quadro de pessoal. Na verdade, esta situação reflete as prioridades governamentais, que consideram a proteção às reservas uma tarefa menor em relação à construção de rodovias e ao incentivo à colonização. Mas, no caso de Rondônia, a desculpa da ausência de recursos é inadequada para explicar a total carência de proteção às reservas, dado que estes recursos foram incluídos no próprio orçamento do Polonoroeste. Foram alocados recursos até para o patrulhamento das reservas por helicópteros.

No entanto, o reordenamento das prioridades dos planos de desenvolvimento é fundamental. As estradas planejadas em Rondônia, cortando reservas biológicas e indígenas, constituem uma agressão às futuras gerações e deve ser estancada imediatamente.

Philip M. Fearnside
 Gabriel de Lima Ferreira
 Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia (INPA)


* A matéria contém trechos adaptados de uma nota da revista *Environmental Conservation* — vol. 11, p. 359-360.

7607 16



SINAIS CONVENCIONAIS

- TERRA INDÍGENA DEMARCADA
- ▲ ▲ ALDEIA INDÍGENA E ALDEIA INDÍGENA ABANDONADA
- ◆ □ POSTO INDÍGENA E POSTO DE SAÚDE
- ⊕ ⊖ CEMITÉRIO E ESCOLA
- MARCO DE CONCRETO
- ~~~ CURSO D'ÁGUA PERMANENTE
- - - CURSO D'ÁGUA INTERMITENTE
- ==== RODOVIA DE REVESTIMENTO SÓLIDO
- RODOVIA DE REVESTIMENTO BOLTO
- DIREÇÃO DE CORRENTE

 MINISTÉRIO DO INTERIOR FUNDAÇÃO NACIONAL DO ÍNDIO - FUNAI DIRETORIA DE PATRIMÔNIO INDÍGENA - DPI			
ÁREA INDÍGENA TUBAR /LATUNDE		DEMARCAÇÃO	
MUNICÍPIO: ILHENA		ÁREA: 116 613,3671 ha	PERÍMETRO: 177 360,38m
MUNICÍPIO: RONDÔNIA		ESCALA: 1:250 000	DATA: 08/07/83
Nº 884 15ª DR		PROCESSO Nº:	INSTITUTO:
Assinado: <i>[Assinatura]</i>	INSCRIÇÃO Nº:	Nº DE:	Nº DE:

PRODUÇÃO BORRACHA

1985

- TUBARÃO/LATUNDÊ (VEADO PRATO) --	7.695,0 Kg
- MAMAINDÊ (NEG., GATO & CAP. PEDRO) --	5.716,50 Kg
- AROUINA - - - - -	5.549,0 Kg
- KITHAULU - - - - -	3.882,0 Kg
- NAMBIKWANA - - - - -	3.478,0 Kg
TOTAL - - - - -	26.370,5 Kg

PRODUÇÃO BORRACHA

(ATÉ MAIO). 1986

* TUBARÃO/LATUNDÊ (VEADO PRATO) - - - - -	950,0 Kg
- AROUINA - - - - -	1.110,0 Kg
- MAMAINDÊ - - - - -	800,0 Kg
- NAMBIKWANA - - - - -	354,5 Kg
- KITHAULU - - - - -	75,0 Kg

*OBS.: OS TUBARÕES NEGOCIAM MUITA BORRACHA EM PIMENTA BUENO, TORNANDO DIFÍCIL, OU QUASE IMPOSSÍVEL, O CONTROLE DA PRODUÇÃO EFETUADO POR ESSA IS. DR.

